

APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO¹

EDITOR

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

Tendo como capa uma das célebres gravuras de Felipe Wamam Poma de Ayala, realizada em começos do século XVII para sua obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, abrimos este novo número da revista *Espaço Ameríndio*. No seu interior constam doze artigos, dentre eles dois de autoria indígena, um ensaio bibliográfico e uma resenha, contabilizando assim um total de quatorze textos. A ilustração de Wamam Poma, intitulada *Mes de Julio*, e que foi colorida recentemente com técnicas digitais, nos lembra os ciclos agrícolas andinos e os períodos de colheita e armazenamento da batata e do milho. Da mesma forma que os ciclos do trabalho agrícola, os labores editoriais da nossa revista impõem constantes atividades e tarefas que a cada quatro meses nos provêm da alegria de colher, armazenar e difundir o trabalho coletivo em parceria com inúmeras/os autoras/es.

Abrindo a seção de artigos deste número encontramos o texto *Antropologia dos brasileiros: reflexões sobre as formas e funções da antropologia indígena a partir da obra de Darcy Ribeiro*, da historiadora Natiele Rosa de Oliveira. Analisando um corpus textual produzido por Darcy Ribeiro durante três décadas, a autora analisa e problematiza as propostas epistemológicas da “antropologia dos brasileiros” proposta ao longo deste tempo por Ribeiro.

Na sequência, o artigo de Ernesto Pereira Bastos Neto, intitulado *Etnogênese, Micro-história e História Indígena: a biografia de um arrivista a contrapelo*, analisa documentos do começo do século XIX que se referem, de forma elíptica, à presença indígena no planalto sul riograndense. Através da análise da trajetória do tenente-coronel Antonio Joze de Mello Brabo e de seus registros, o autor lança luzes sobre a ocupação ancestral de terras indígenas no Estado.

Continuando os artigos, o trabalho *Povos indígenas no Vale do Araguaia, Brasil: evangelização protestante e projeto de civilização na primeira República (1897-1930)*, de Ordália Cristina Gonçalves Araújo e Elias Nazareno, explora as estratégias de evangelização colocadas em prática por diversos grupos e corporações cristãs protestantes na região central do Brasil a partir dos documentos produzidos pelos missionários durante o período em questão.

O quarto artigo da seção, da autoria de Eduarda Heineck Fernandes e denominado “*A gente caminha com a nossa história*”: *Retomada Kaingang*

Gãh Ré no Morro Santana, Porto Alegre, explora analiticamente as principais dinâmicas políticas e territoriais do povo Kaingang na Retomada Gãh Ré desde outubro de 2022 e dentro de diversas conjunturas estruturais que aconteceram na capital gaúcha. O trabalho representa uma importante contribuição que se soma a um conjunto cada vez mais necessários de análises antropológicas sobre a “forma retomada” e a política indígena no Brasil.

A continuação, no texto *A Captura e a domesticação da cidade: reflexões sobre o uso de metodologias de pesquisa nos deslocamentos espaciais do povo indígena Wassu-Cocal*, de Evaldo Mende da Silva, analisa as dinâmicas de deslocamento urbano da população indígena referida, compreendendo o percurso desde suas aldeias até Maceió/AL - incluindo inclusive São Paulo -, na procura por produtos e recursos, mas também no estabelecimento de diversas relações sociais e de parentesco. O autor propõe ferramentas metodológicas com a finalidade de estudar em profundidade estas práticas de mobilidade social.

Por sua vez, o artigo de José Glebson Vieira, *Corporalidade, práticas rituais e cosmopolítica dos Potiguara da Paraíba*, desenvolve um exame da interrelação entre práticas rituais e cerimônias católicas e o ritual tradicional do toré, tendo como núcleo a população Potiguara e suas diversas formas de mobilização étnica e “cosmopolítica” que vão desde a afirmação da indigeneidade até a demonstração do seu vasto e rico universo cosmológico.

Em *A trama do bordado: um exercício de comparação mítica*, sétimo texto da seção de artigos, Vitor Queiroz apresenta uma exploração comparativa, com forte inspiração lévi-straussiana, que examina dois conjuntos míticos produzidos em agrupamentos e manifestações específicas de grupos étnicos bem diferenciados, a saber, o Movimento de Artistas Huni Kuin (MAHKU) e os cultos a Exu no Candomblé brasileiro. O autor explora tanto as características quanto as dinâmicas destas mitologias e das suas transformações em códigos artísticos-expressivos específicos.

Na sequência, o artigo *O Guarani “inconstante”, “infantil” e “imprevidente”: arqueologia de um estereótipo jesuítico/colonial*, de Paulo Rogério Mello de Oliveira, historiciza e analisa a representação clássica dos povos guaranis feita, em parte, pelos membros da Companhia de Jesus assentados no Paraguai e contrasta estas produções, que hegemonizaram as imagens dos povos Tupi, com outras fontes anteriores à presença jesuítica, desenvolvendo uma crítica à produção de estereótipos coloniais ainda vigentes.

Guardando estreita relação com o texto anterior, o trabalho de Thiago Pinho, intitulado *Rousseau ataca novamente: “índios”, antropólogos e os limites da decolonialidade*, desenvolve uma exploração crítica a algumas antropologias pós-estruturalistas contemporâneas, colocando uma série de problemas epistemológicos nelas presentes que devem ser explorados no futuro pelo autor.

Encerrando os artigos deste número da revista *Espaço Ameríndio* encontra-se o texto do recentemente falecido antropólogo francês Alban Bensa intitulado *Continuidades indígenas*. No seu artigo, Bensa dialoga com o livro de João Pacheco de Oliveira *O nascimento do Brasil e outros ensaios*, originalmente publicado no ano de 2016, mas que apareceu em francês em

2022. A partir deste diálogo Bensa constrói uma resenha crítica da obra, propondo interessantes comparações entre o caso brasileiro e os de outras regiões do Terceiro Mundo, sobretudo com seu próprio material historiográfico e etnográfico da Nova Caledônia.

Abrindo a seção de Autores Indígenas, encontramos primeiramente o importante trabalho *“Ninguém nunca governou e nem vai governar os Tupinambá”: uma análise sobre as estratégias da Serra do Padeiro diante de Bolsonaro*, de Daniela Fernandes Alarcon, Glicéria Jesus da Silva, Jéssica Silva de Quadros e Sthefany Ferreira da Silva. O texto analisa as mobilizações dos Tupinambá da Serra Padeiro, no Sul da Bahia, entre 2019 e 2022, no contexto da Pandemia de Covid-19 articulada com fortes arremetidas contra os direitos indígenas no Brasil.

Em seguida, o artigo *Sobre trocas e cosmovisões: a representação do garimpo na poesia indigenista de Devair Fiorotti*, fruto da colaboração entre Suênia Kdidija de Araujo Feitosa, Roberto Mibielli e Sonyellen Fonseca Ferreira Fiorotti, explora as produções literárias do mencionado poeta Capixaba, comparando-as com a obra de Davi Kopenawa e colocando estes trabalhos no contexto socioeconômico de Roraima e do povo Yanomami.

Integra este número, também, o Ensaio Bibliográfico de Ana Maria Melo de Pinho e Sebastian Daniel Castiñeira, intitulado *As ressonâncias como metodologia da investigação etnográfica em América: Aportes desde Kusch, Mèlia e saberes originários*. Como o próprio título indica, o ensaio é uma tentativa de apresentar as contribuições do filósofo argentino Rodolfo Kusch e do antropólogo espanhol Bartomeu Mèlia para a pesquisa etnográfica com populações indígenas considerando as perspectivas indígenas interculturais.

Encerrando esta edição da Espaço Ameríndio, encontra-se a resenha intitulada *O legado dos Malês no Brasil: resistência, religião e cultura* de Guilherme Ibrahim Viafore Guerra, baseada na afamada obra de João José Reis *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835*.

* * *

Como de costume, gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este número da *Espaço Ameríndio*, desde as/os as/os autoras/es que submeteram seus artigos para a revista até as/os pareceristas que investiram parte do seu tempo para avaliar os textos recebidos. Da mesma forma, agradecemos a Natacha Rodrigues Portal pelo trabalho editorial impecável sem o qual a publicação deste número da revista seria impossível.

Desejamos a todas/os uma proveitosa leitura da revista *Espaço Ameríndio*, e, como de costume, somamos nossa publicação à exigência pela *demarcação já* das Terras Indígenas do Brasil e pela libertação incondicional da Palestina.